

A preservação da Amazônia exige pesquisas

Sérgio Adeodato

— Há muito tempo as correntes de pensamento mais conciliatórias falam em aliar progresso econômico e preservação ambiental. Isso é possível, na prática?

— Acho que sim. Mas uma certa porcentagem da mata amazônica tem de ser preservada integralmente na forma de parque nacional, reservas biológicas e estações ecológicas. No momento, temos na Amazônia somente 2,7% de sua área protegida e duvido que chegue a 20% mesmo com todas essas discussões científicas sobre a importância da preservação. Acredito que a proteção total alcançará, no máximo, a 5 ou 10% do total da floresta. Essas áreas são como o nosso capital no banco: nelas é que sobreviverá essa biodiversidade e que conseguiremos sementes para replantar as regiões usadas com fins econômicos.

— E o resto da floresta amazônica?

— Temos de promover a alternativa que acho mais adequada à Amazônia: o uso múltiplo da floresta. Em lugar de cortar a mata e transformá-la em pasto — procedimento completamente não apropriado para a região —, podemos extrair produtos importantes para a economia sem prejudicar a biodiversidade. Infelizmente, até agora há poucos estudos feitos sobre isso, mas há um exemplo muito chamativo e interessante. Pesquisadores do Jardim Botânico de Nova Iorque e do Jardim Botânico de Missouri, Estados Unidos, estudaram recentemente uma área de floresta amazônica do Peru e provaram que, somente com a extração de madeira, frutas e látex, essa mata vale US\$ 9 mil por hectare, três vezes mais que o valor obtido com as atividades que devastam para cultivar pasto e retirar madeira para a produção de papel e carvão. Se os pesquisadores levassem em consideração as plantas medicinais, fibras e produtos animais, esse valor seria até 100 vezes maior.

— Mas por que isso não foi testado ainda no Brasil? Seria possível termos uma exploração da floresta tropical deste tipo, derrubando os alicerces poderosos dos empreendimentos já instalados na área?

— Há necessidade de se pesquisar mais e criar projetos que mostrem aos políticos, empresários e habitantes da região a forma de se usar a mata sem destruí-la e obter benefícios econômicos interessantes ao mesmo tempo. Veja o caso das reservas extrativistas. Os caboclos e índios vivem na mata e fazem sua exploração há séculos sem devastar. Felizmente, agora, os seringueiros e castanheiros estão começando a se organizar e a pedir ao governo que reconheça suas reservas como áreas especiais para a proteção e também exploração racional. Temos de reconhecer o valor econômico desses produtos e entendendo que os grandes empresários que cortaram a mata com subsídios do governo, também reconhecerão que o aproveitamento da mata em pé é mais lucrativo.

— Como fazer isso?

— O problema é que a exportação aqui, e na maioria dos países, é baseada num só produto. Em lugar de concentrar o comércio só na castanha ou na seringueira, porque o mercado pode facilmente cair, a proposta é usar a multiplicidade da produção. Assim, a ganância do capital não terá um lugar garantido. No entanto, não devemos entrar nesse assunto sem ter projetos de pesquisa que demonstrem os bons resultados. Até há pouco tempo, a mata era vista como uma barreira para o progresso econômico e deveria ser derrubada. Temos de mudar essa filosofia. Esse novo processo já está começando, mas temos de ir muito mais rápido. Se o empresário entender isso, será o maior conservacionista do mundo.

— Como conseguir que esses produtos regionais sejam valorizados?

— Já existem produtos com reconhecido valor para exportação, como a seringueira e a castanha. Há outra categoria que poderia ser usada para exportação, mais ainda é consumida regionalmente, como por exemplo, o cupuaçu, uma fruta que poderia entrar facilmente no mercado internacional. Outro exemplo é o óleo de copaibeira, capaz de mover motores a diesel. Também existem produtos só usados nas localidades da Amazônia, como muitos frutos que não têm grande valor para exportação e plantas medicinais. Isso sem falar de todos os produtos da floresta ainda não usados, porque permanecem desconhecidos. Falta muita pesquisa básica.

— Esse parece ser mais um dos milhares de mistérios da Amazônia. Que desafios a região e sua enorme diversidade impõem à ciência?

— Se continuarmos no ritmo de hoje, derrubando árvores para plantar pasto, ocorrerá um desastre ecológico para o país e para o mundo. Em certo ponto, os ecologistas e pesquisadores têm parte da culpa, porque estão fazendo pesquisas há muito tempo, mas até agora não promoveram um intercâmbio de informações com os empresários. A Amazônia é a região mais rica do mundo em espécies — dos Andes à boca do Rio Amazonas. Mas também é ainda muito pouco conhecida. Não conhecemos mais de 90% dos insetos da mata amazônica. Isso é incrível: podemos mandar o homem a lua, mas não sabemos quantas espécies de animais e vegetais existem em nosso planeta. As aves são mais conhecidas, mas os mamíferos ainda são um mistério. Estamos ainda bem atrasados no nível mais baixo da ciência na Amazônia, que seria a descrição de espécie. E ainda temos muitos anos de pesquisa para verificar a interação entre essas espécies e entender o que é realmente a mata tropical. Trata-se do sistema

MANAUS — A floresta amazônica abriga a maior diversidade de espécies animais e vegetais do planeta. É a primeira do mundo em anfíbios, plantas e borboletas. A terceira em pássaros e mamíferos e a quarta em número de répteis. Mas é também a mais desconhecida e os cientistas só têm certeza de uma coisa: a agressão a essa megabiodiversidade poderá trazer sérios problemas ao homem. Por isso, influentes organizações preservacionistas internacionais financiam cada vez mais pesquisas para que essa complexa colcha de retalhos seja desvendada. Seria o primeiro passo para implementação de medidas concretas de preservação.

Afinal, o homem, culturalmente devastador, pode explorar a floresta tropical sem prejudicá-la? O otimista primatólogo norte-americano Russel Mittermeier, presidente da *International Conservation*, que investe em pesqui-

sas de preservação ambiental no Brasil e só é superada pelo Fundo Mundial da Vida Selvagem, acha que sim. Mas a tarefa não é fácil. Exige uma mudança de mentalidade do governo e do empresariado brasileiro, às vezes acomodados com o ofício de cortar a floresta para plantar pasto e de inundar extensas áreas para a construção de hidroelétricas.

A Amazônia luta contra o tempo. E os pesquisadores também. Por isso, 105 reconhecidos especialistas de todo o mundo estiveram reunidos durante 10 dias em Manaus, com o objetivo de discutir as áreas mais importantes para a preservação na Amazônia. Desde que embrenhou-se pela primeira vez na mata amazônica, em 1971, para estudar macacos, Mittermeier acompanha de perto os problemas da região e garante que hoje a consciência do brasileiro está mais evoluída para esses assuntos.



mais complicado do planeta e falta muita pesquisa.

— Que mudanças no rumo do pensamento sobre a Amazônia são importantes neste final de século?

— O pensamento está mudando rapidamente. Finalmente, acho que o meio ambiente está começando a ser reconhecido como prioridade no mundo. Nos últimos 40 anos, a preocupação maior era com a defesa. Mas agora, nos próximos 40 anos, ou mais, entendo que a prioridade será a ecologia. Estamos vendo que nosso planeta tem limites e, mais ainda, observo um abismo entre interesses em níveis de governo mais altos e as providências concretas para se implementar as medidas conservacionistas.

— O final da guerra fria pode ajudar nisso?

— O fim da guerra fria é um bom sinal, porque nos deixa investir mais em meio ambiente e menos em defesa. Mas não é só isso. Quando cheguei aqui pela primeira vez, em 1971, quase ninguém falava de meio ambiente. Existia apenas um primatólogo. Agora, há centenas deles e a maioria trabalha na área de conservação. É impressionante: hoje, o país tem mais de dois mil grupos não governamentais de preservação ecológica, quatro ou cinco internacionais conhecidos.

— O senhor acha que é sincero esse interesse mundial pelos problemas da Amazônia?

— O interesse é sincero, mas nossos países certamente não têm direito de dar palpites para o Brasil. É difícil para nós falarmos para o Brasil o que fazer com os índios, porque já fizemos muita besteira com os nossos também. Em relação à destruição da mata tropical, os Estados Unidos abandonaram e venderam aos japoneses uma parte muito grande da mata temperada do Congo, uma das maiores áreas de floresta que ainda restam na América do Norte, no Alasca. Isso é uma grande vergonha. Em termos de modificação

climática e efeito estufa, nossos carros contribuem com a emissão de 75% dos gases que abalam a camada de ozônio do planeta.

— É correto dizer então que os problemas da Amazônia não seriam diferentes se pertencesse aos Estados Unidos?

— Duvido que a situação da Amazônia fosse melhor se essa região fosse parte dos Estados Unidos. O único pedaço de mata tropical que possuímos são as ilhas do Havai, que abrigam pequenos ecossistemas. Mas veja o que aconteceu: essa área e a Ilha de Madagascar são os piores exemplos de extinção de espécies já verificadas em todo o mundo. Em termos percentuais, perdemos mais espécies endêmicas — que só vivem em uma área restrita — do que qualquer outra parte do mundo. Países como o Brasil não devem copiar nossas besteiras: deve aprender com elas e não repetir os mesmos erros. É bom lembrar que nossas florestas temperadas são ecologicamente mais simples. A mata tropical é mais complexa, mais frágil, e quando uma grande área é derrubada a vegetação não cresce novamente.

— Qual a importância do Brasil em relação à biodiversidade mundial?

— Estamos enfrentando muitos problemas: efeito estufa, poluição da água e dos solos, erosão e lixo atômico. Mas o problema principal, olhando a longo prazo, é a perda de biodiversidade do planeta. Todas as outras questões ambientais são reversíveis. Podemos desenvolver técnicas para combater problemas como a poluição. O que falta é a vontade política e os recursos para usá-las. Mas quando perdemos uma espécie de planta ou animal, ela desaparecerá da história. No futuro próximo, se não tomarmos medidas urgentes, enfrentaremos uma série de grandes eventos de extinção. Não tenho dúvida de que é muito mais importante conservar essas matas do que resolver os problemas ambientais das cidades.

— No Brasil, onde há maior perigo?

— Os remanescentes de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil estão muito reduzidos, devido às plantações de cana-de-açúcar. É possível que ali, nos próximos 10 anos, percamos 20 espécies de aves. É uma perda enorme. Na Ilha de Madagascar, na costa da África, já perdemos um terço dos primatas nos últimos mil anos. Agora, a extinção ameaça o mundo inteiro, principalmente nas regiões tropicais, onde as espécies têm muito valor para o homem. A maior parte das drogas medicinais, por exemplo, provém de ervas tropicais. Mas o Brasil, país que possui maior número de espécies vegetais de todo o mundo (55 mil), estudou em laboratório menos de 2% delas. Se perdemos esse material genético, jogaremos fora grande parte do patrimônio natural do planeta. Nos últimos cinco anos, coletamos dados que mostram que o Brasil é o país mais rico em termos de diversidade biológica e possui um terço da mata tropical úmida do planeta. Mais mata que toda a América Latina junta, toda a África e toda a Ásia. Para assuntos de conservação, o Brasil é o país prioritário do mundo.

— Os problemas da Amazônia podem ser resolvidos antes de termos soluções para os problemas sociais do Brasil como um todo?

— Deve ir junto. Temos de achar alternativas. O conhecimento que os índios têm sobre o uso da floresta tropical é impressionante. Os caiapós, por exemplo, estudados por pesquisadores do Museu Goeldi, do Pará, têm mostrado que possuem sistemas de uso da selva para tirar benefícios sem destruí-la. Os caboclos também. Temos de conhecer o que as pessoas da região fazem e estender seus sistemas a outras áreas. Não se pode derrubar as florestas extrativistas para plantar pasto e deixar que essas pessoas migrem para as favelas de Manaus. Se utilizarmos a floresta inteligentemente, reduziremos os problemas sociais.

— E os garimpos?

— O problema do garimpo é outro. Não tenho uma solução fácil, infelizmente. O ouro é uma droga. É como a cocaína, muito difícil de controlar. A extração de ouro deveria ser mais controlada. O Brasil está lucrando pouco com esse tipo de atividade, porque a maior parte do ouro sai ilegalmente. Ao mesmo tempo, poluem os rios com mercúrio e provocam conflitos com os índios. As companhias de mineração que atuam na Amazônia, pelo que vi até agora, têm muito mais responsabilidade que o garimpeiro. Não sei se o garimpo envolve grandes personalidades políticas e empresários do país. É difícil dizer. É possível, mas só sei que o ouro está saindo do país por canais ilegais.

— Como diminuir o problema das hidroelétricas na Amazônia?

— É muito importante pensar em alternativas às hidroelétricas na Amazônia. O Brasil tem necessidade de energia, mas os planos que eu conheço prevêem 80 hidroelétricas só para a Amazônia brasileira. Seria um desastre ecológico. A maior parte das proteínas da região vem dos peixes. Quem sabe o que ocorrerá se mudarmos completamente a hidrografia da região? Tenho muito medo das hidroelétricas, mas existem alternativas.

— Essas alternativas são discutidas há muito tempo no Brasil, mas não se chega a um consenso. O senhor acredita em mudanças?

— A principal é a conservação de energia. Pelo menos 25% das necessidades energéticas projetadas para o Brasil nos próximos 20 anos poderiam ser atendidas pela conservação. O Brasil é o maior país tropical, com enorme superfície sob o sol tropical. Por isso, há grandes possibilidades para a energia solar, mas muitas pessoas argumentam que esse tipo de energia é difícil e cara. Mas provavelmente os prejuízos seriam bem menores do que a catástrofe ecológica das hidroelétricas na Amazônia. Há muita experiência sobre energia solar nos Estados Unidos, Japão e Austrália. Se juntarmos todo esse conhecimento, acharemos soluções.

— Na sexta-feira passada terminou o Workshop 90, mais uma reunião que discutiu os problemas da Amazônia. Será apenas mais uma ou o senhor tem esperanças de que os resultados desse encontro científico se transformarão em medidas práticas de preservação?

— Nunca tivemos uma reunião como essa, dedicada exclusivamente à conservação. Nestes 10 dias, juntamos todo o conhecimento científico dos 105 especialistas e canalizamos tudo para a preservação ambiental. Foi a maior concentração de cientistas especializados na Amazônia. Essa reunião aconteceu num momento chave para o movimento conservacionista internacional e também para a história do Brasil. Participaram especialistas de várias áreas da ciência, além de representantes do Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e recursos naturais renováveis (Ibama). É uma convergência de interesses nunca verificada antes e, com certeza, essa reunião não seria possível há cinco anos. Agora, o ambiente filosófico em todo o mundo tem mudado o suficiente para tornar possível uma reunião como essa.

— O que o senhor espera do futuro da conservação ambiental no Brasil?

— Sei que o momento é difícil. O novo governo vai começar em março, mas esperamos que o presidente eleito e seus subordinados compreendam tudo isso.

— O senhor é um homem de fé?

— Ah, desliga o gravador. Bem... Espero que o novo governo reconheça a importância do meio ambiente. O problema aqui é o pessimismo. Se eu não fosse um eterno otimista, não trabalharia no campo da conservação ambiental.

Índios
É difícil para nós falarmos o que fazer com os índios, porque já fizemos muita besteira com os nossos também.

Prioridade
É muito mais importante conservar as matas do que resolver os problemas ambientais das cidades.

Igualdade
O ouro é uma droga. É como a cocaína, muito difícil de controlar. A extração de ouro deveria ser mais controlada.

Lucro
Os empresários que cortaram a floresta também reconhecerão que o aproveitamento da mata em pé é mais lucrativo.

Ignorância
É incrível: podemos mandar o homem à Lua, mas não sabemos quantas espécies de animais e vegetais existem na Terra.

Preocupação
Nos últimos 40 anos, a preocupação maior era com a defesa, mas nos próximos 40 a prioridade será a ecologia.